



USP ESALQ – ACESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Agência USP de Notícias

Data: 28-09-07 (sexta-feira)

Boletim nº: 2148

Assunto: Bioconfe

Setor automotivo e de biocombustível vê oportunidade de crescimento do País

Com um painel que discutiu as relações entre indústria automobilística e bioenergia no Brasil e no mundo, encerrou-se, na tarde desta sexta-feira (28), a Conferência Nacional de Bioenergia (Bioconfe), promovida pela USP. Dentre os expositores, executivos de algumas das principais montadoras do País e representantes de entidades ligadas ao setor automotivo e de produção de etanol. O painel foi coordenado pelo professor Francisco Emilio Baccaro Nigro, da Escola Politécnica (Poli) da USP.

Logo de início, insistiu-se no fato de o Brasil ter inquestionável potencial de expandir a produção de etanol a partir da cana-de-açúcar: se em 2006 a capacidade foi de 17,9 bilhões de litros de álcool, a previsão é de que em 2020 o total seja 65,3 bilhões de litros. Isso é garantido pela elevada produtividade, questões ambientais favoráveis, vasta possibilidade de se plantar em áreas que não são de florestas etc. O País é hoje o maior exportador de etanol do mundo, tem 37% do market share – em cinco anos, o percentual deve chegar a 50%.

De acordo com Marcos Jank, presidente da União da Indústria da Cana-de-Açúcar (Única), o investimento na produção de etanol como combustível trouxe outro benefício para o Brasil além da sempre citada redução da dependência do petróleo e da emissão de gases poluentes: o desenvolvimento de engenharia automotiva nacional – com a obtenção de um “know-how diferenciado” – graças à possibilidade de se usar o álcool como combustível. Exemplo disso são os carros flex, que rodam com álcool ou gasolina, de acordo com a preferência do proprietário.

Se na época do lançamento do primeiro carro flex, em março de 2003, a indústria temia rejeição por parte do consumidor – que talvez pudesse desconfiar do nível de rendimento ou recusá-lo se fosse alto preço do produto final –, hoje o cenário é favorável. “Está claro que o flex veio para ficar. E o Brasil é o único país no mundo com um programa sério já funcionando que permita isso”, declarou José Carlos Pinheiro Neto, vice-presidente da General Motors do Brasil. “O consumidor brasileiro mostra preferir ter as duas opções: álcool e gasolina. E a redução tributária permitiu que os modelos fossem lançados sem custo adicional.”

Por outro lado, mais de uma vez ponderou-se que a frota de veículos flex ainda é considerada pequena com relação ao total de automóveis circulando no Brasil, a despeito do fato de nos últimos tempos sua venda ter crescido significativamente: representou 87% da venda de veículos leves nos últimos meses. Esse crescimento deve-se, em grande parte, à disponibilidade de álcool. Em períodos nos quais o etanol custa entre 50% e 70% o preço da gasolina, o motorista opta por ele.

Biocombustível

O Secretário-Adjunto de Desenvolvimento do Estado de São Paulo, Carlos Américo Pacheco, explicou que a indústria automotiva vive um período de incerteza, por conta de fatores como o surgimento de novos mercados e a mudança no ambiente regulatório de combustíveis (aquecimento global e poluição). Nesse contexto, o Brasil vem conquistando boa posição. Trata-se de um produtor de veículos relevante, o oitavo do mundo – é possível que seja sexto ou quinto em dez anos. Pacheco, assim como os demais expositores, afirmou que não se pode pensar nesse crescimento sem levar em conta formas alternativas de produção de combustível.

O etanol e o biodiesel são algumas dessas alternativas. No caso específico do biodiesel, o Brasil encontra-se ainda numa etapa que pode ser considerada de testes. A matéria-prima para o biodiesel aqui produzido é muito diversificada (gordura animal, mamona, soja, palma girassol,



USP ESALQ – ACESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Agência USP de Notícias

Data: 28-09-07 (sexta-feira)

Boletim nº: 2148

Assunto: Bioconfe

amendoim, algodão etc.), o que torna o processo de regulação mais complexo. Além disso, é preciso que se prove o desempenho e a durabilidade de um motor.

Oportunidade

O presidente da Agência de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil), Alessandro Teixeira, encerrou a Bioconfe recomendando que deve haver urgência no desenvolvimento de uma nova matriz energética global, uma que não seja o petróleo. Ele citou a necessidade crítica de se reduzir o dióxido de carbono na atmosfera e as mudanças climáticas decorrentes da emissão de poluentes. Segundo ele, esse cenário em que os biocombustíveis surgem como alternativa representa muito para o Brasil.

Participaram também do painel “Bionergia e Indústria Automobilística no Brasil e no Mundo” Paulo Alleo (da Volkswagen Caminhões e Ônibus), Henry Joseph Júnior (presidente da comissão de energia e ambiente da Associação Nacional de Fabricantes de Veículos Automotores) e César Augusto Modesto de Abreu (diretor industrial da Bertin Biodiesel).